

XI

O SERMÃO DO MONTE

Difundidas as primeiras claridades da Boa Nova, todos os enfermos e derrotados da sorte, habitantes de Corazin, Magdala, Betsaida, Dalmatia e outras aldeias importantes do lago enchiam as ruas de Cafarnaum em turbas ansiosas.

Os companheiros do Mestre eram os mais visados pela multidão, por motivo do permanente contacto em que viviam com o seu amor. De vez em quando, Felipe era assaltado, em caminho, por uma onda de doentes; Pedro tinha a casa rodeada de criaturas desalentadas e tristes. Todos queriam o auxílio de Jesus, o benefício imediato de sua poderosa virtude.

Aos primeiros dias do apostolado, um pequeno grupo de infelizes procurou Levi na sua residência confortável. Desejavam explicações sobre o Evangelho do Reino, de modo a trabalharem com mais acerto na observância dos ensinamentos do Cristo. O coletor da cidade manifestou certa estranheza.

— Afinal — disse ele aos infortunados que o procuravam — o novo reino congregará todos os corações sinceros e de boa vontade, que desejem irmanar-se como filhos de Deus. Mas, que podeis fazer na situação em que vos encontrais?

E, dirigindo-se a três deles, seus conhecidos pessoais, falou convicto:

— Que poderás realizar, Lisandro, aleijado como és?! E tu, Aquila, não foste abandonado pela propria família, sob o peso de sérias acusações? E tu Paphos? Acaso edificarias alguma coisa com as tuas atuais aflições?

Os interpelados entreolharam-se cabisbaixos, humilhados. Somente então chegavam a reconhecer as suas penosas deficiências. A palavra rude de Levi os despertara. Tomara-os uma dor sem limites. Jesus dissera, nas suas pregações carinhosas, que seu amor viera buscar todos os que se encontrassem em tristeza e em angustias do coração. Quando o Mestre chegara, haviam experimentado a restauração de todas as energias. Jubilosos, guardavam as suas promessas, relativamente ao Pai justo e bom, que amava aos filhos mais infelizes, renovando nos corações as esperanças mais puras. Achavam-se exhaustos; mas, a lição de Jesus lhes trouxera novo consolo às almas desamparadas de qualquer conforto material. Queriam ser de Deus, vibrar com a exaltação das promessas do Cristo, porém, a palavra de Levi novamente os arrojara à condição desditosa.

O grupo de pobres e infortunados retirou-se em desalento; no entanto, o Mestre pregaria no monte, aquela tarde, e, quem sabe, ministraria os ensinamentos de que necessitavam?!

*

Decorridos alguns instantes, Jesus, em companhia de André, deu entrada em casa de Levi, onde se puseram os tres em animada palestra. O coletor, à certa altura da conversação, a sorrir ingenuamente, relatou a ocorrência, terminando alegremente a sua exposição, com estas palavras:

— Que conseguiria o Evangelho do Reino, com esses aleijados e mendigos? — Mas, lembrando-se de súbito que os demais companheiros eram criaturas pobres e humildes, acrescentou: — E' justo esperemos alguma coisa dos pescadores de Cafarnaum; são homens fortes e desassombrados e o bom trabalho lhes cabe. Não vejo, porém, como aceitar a contribuição desses desafortunados e vencidos que nos procuram.

Jesus fixou o olhar no discípulo com profundo desvelo e falou com bondade, batendo-lhe levemente no ombro:

— No entanto, Levi, precisamos amar e aceitar a preciosa colaboração dos vencidos do mundo!... Se o Evangelho é a Boa Nova, como não ha de ser a mensagem divina para eles, tristes e desherdados na imensa familia humana? Os vencedores da Terra não necessitam de boas notícias. Nas derrotas da sorte, as criaturas ouvem mais alto a voz de Deus. Buscando os oprimidos, os aflitos e os caluniados, sentimo-los tão unidos ao céu, nas suas esperanças, que reconhecemos, na coragem tranquila que revelam, um sublime reflexo da presença de Nosso Pai em seus espíritos. Já observaste algum vencedor do mundo com mais alta preocupação do que a de defender o fruto de sua vitória material?

Levi sentia-se comovido e, aproveitando a pequena pausa que se fizera, exclamou algo desapontado:

— Senhor, minhas observações partiram tão só do meu intenso desejo de apressar a supremacia do Evangelho, entre os que governam no mundo!...

— Quem governa o mundo é Deus — afirmou o Mestre, convictamente — e o amor não age com inquietação. Agora, imaginemos, Levi, que os triunfadores da Terra viesssem até nós, ensarilhando suas armas exteriores. Figuremos alguns generais romanos chegando a Cafarnaum, com os seus tro-

fés numerosos e sangrentos, afirmando-se desejosos de aceitar o Evangelho do Reino de Deus e oferecendo-se para cooperar no nosso esforço. Certamente trariam consigo legiões de guardas e soldados, funcionários e escribas, carros de triunfo, espadas e prisioneiros... Começariam protestando contra as nossas pregações pelas estradas desataviadas da natureza. Por não estarem, no íntimo, desarmados das vaidades das vitórias, edificariam sumptuosos templos de pedra, em cuja construção lutariam duramente por hegemonias inferiores; uns desejariam palácios soberbos, outros empreenderiam a construção de jardins maravilhosos. Recordando a ação das espadas mortíferas, talvez pretendessem disputar a ferro e fogo o estabelecimento do Reino de Deus, exterminando-se reciprocamente, por não cederem uns aos outros, de seus pontos de vista, desde que cada vencedor se julga, no mundo, com maior soma de direitos e de importância. A pretexto de lutarem em nome do céu espalhariam possivelmente incêndios e devastações em toda a Terra. E seria justo, Levi, trabalhassemos por cumprir a vontade do Nosso Pai, aniquilando seus filhos, nossos irmãos?

O apostolo o ouvia assombrado, em face da profundezza de sua argumentação. O Mestre continuou:

— Até que a esponja do tempo absorva as imperfeições terrestres, através de séculos de experiência necessária, os triunfadores do mundo são pobres seres que caminham por entre tenebrosos abismos. E' imprescindível, pois, atentemos na alma branda e humilde dos vencidos. Para os seus corações Deus carreia bençãos de infinita bondade. Esses quebraram os elos mais fortes que os acorrentavam às ilusões e marcham para o Infinito do amor e da sabedoria. O leito de dor, a exclusão de todas as facilidades da vida, a incompreensão dos mais amados, as chagas e as cicatrizes do espírito são luzes que Deus acende na noite som-

bria das criaturas. Levi, é necessário amemos intensamente aos desafortunados do mundo. Suas almas são a terra fecundada pelo adubo das lágrimas e das esperanças mais ardentes, onde as sementes do Evangelho desabrocharão para a luz da vida. Eles saíram das convenções nefastas e dos enganos do caminho terrestre e bendizem do Nosso Pai, como sentenciados que experimentassem, no primeiro dia de liberdade, o clarão reconfortante do sol amigo e radioso que os seus corações haviam perdido! E' também sobre os vencidos da sorte, sobre os que suspiram por um ideal mais santo e mais puro do que as vitórias faceis da Terra, que o Evangelho assentará suas bases divinas!...

André e Levi escutavam de olhos humidos os conceitos do Senhor, cheios de sublimada emoção. Nesse interim, chegaram Tiago, João e Pedro e todo o grupo se dirigiu, alegre, para um dos montes próximos.

*

O crepúsculo descia num deslumbramento de ouro e brisas cariocas. Ao longo de toda a encosta, acotovelava-se a turba imensa. Muitas centenas de criaturas se aglomeravam ali, afim de ouvirem a palavra do Senhor, dentro da paisagem que se aureolava dos brilhos singulares de todo o horizonte pincelado de luz. Eram velhinhos tremulos, lavradores simples e generosos, mulheres do povo agarradas aos filhinhos. Entre os mais fortes e sadios, viam-se cegos e crianças doentes, homens maltrapilhos, exibindo as verminas que lhes corroiam as mãos e os pés. Todos se comprimiam ofegantes. Ante os seus olhares felizes, a figura do Mestre surgiu na eminência enfeitada de verduras, onde perpassavam brandamente os ventos amigos da tarde. Deixando perceber que

se dirigia aos vencidos e sofredores do mundo inteiro e como que esclarecendo o espírito de Levi, que representava a aristocracia intelectual entre os seus discípulos, na sua qualidade de cobrador dos tributos populares, Jesus, pela primeira vez, pregou as bemaventuranças celestiais. Sua voz caia como balsamo eterno, sobre os corações desditosos.

Bemaventurados os pobres e os aflitos!

Bemaventurados os sedentos de justiça e misericordia!...

Bemaventurados os pacíficos e os simples de coração!...

Por muito tempo falou do Reino de Deus, onde o amor edificaria maravilhas perenes e sublimadas. Suas promessas pareciam dirigidas ao incomensurável futuro humano. Do alto do monte, soprava um vento leve, em deliciosas vagas de perfume. As brisas da Galiléia se haviam impregnado da virtude poderosa e indestrutível daquelas palavras e, obedecendo a uma determinação superior, iam espalhar-se entre todos os aflitos da Terra.

Quando Jesus terminou a sua alocução, algumas estrelas brilhavam já no firmamento, como radiosas bençãos divinas. Muitas mães sofredoras e oprimidas, com suave fulgor nos olhos, lhe trouxeram os filhinhos para que ele os abençoasse. Anciões de frontes nevadas pelos invernos da vida lhe beijaram as mãos. Cegos e leprosos rodeavam-no com semblante sorridente e diziam: — Bendito seja o filho de Deus! Jesus acolhia-os satisfeito, enviando a todos o sorriso de sua afeição.

Levi sentiu que, naquele crepúsculo inolvidável, uma emoção diferente lhe dominava a alma. Havia compreendido os que abandonam as ilusões do mundo para se elevarem a Deus. Observando as filas dos humildes populares que se retiravam, tomados de imenso conforto, o discípulo percebeu que os pobres amigos que o visitaram à tarde desciam o monte, abraçados, com uma expressão de grande ventura, como se os animasse um jubilo

sem limites. O coletor de Cafarnaum aproximou-se e os saudou transbordante de alegria, compreendendo que o ensino do Mestre, em toda a sua luz, abrangia o porvir infinito do mundo. Grande esperança e indefinivel paz lhe haviam penetrado o amago do sér. No dia imediato, o ex-publicano abriu suas portas a todos os convivas daquele crepusculo memoravel. Jesus participou da festa, partiu o pão e se alegrou com eles. E, quando Levi abraçou o aleijado Lisandro, com a sinceridade de sua alma fiel, o Mestre o contemplou enternecido e disse: — Leví, meu coração se rejubila hoje contigo, porque são tambem bemaventurados todos os que ouvem e comprehendem a palavra de Deus!...

XII

AMOR E RENUNCIA

O manto da noite caía de leve sobre a paisagem de Cafarnaum e Jesus, depois de uma das grandes assembléias populares do lago, se recolhia à casa de Pedro em companhia do apostolo. Com a sua palavra divina havia tecido luminosos comentarios em torno dos mandamentos de Moisés, Simão, no entanto, ia pensativo como se guardasse uma dúvida no coração.

Inquirido com bondade pelo Mestre, o apostolo esclareceu:

— Senhor, em face dos vossos ensinamentos, como deveremos interpretar a vossa primeira manifestação, transformando a agua em vinho, nas bodas de Caná? Não se tratava de uma festa mundana? O vinho não iria cooperar para o desenvolvimento da embriaguez e da gula?

Jesus comprehendeu o alcance da interpelação e sorriu.

— Simão — disse ele — conheces a alegria de servir a um amigo?

Pedro não respondeu, pelo que o Mestre continuou:

— As bodas de Caná foram um simbolo da nossa união na Terra. O vinho ali foi bem o da alegria com que desejo selar a existencia do Reino